

## O cachorro infeliz

Passados quatro meses de sua chegada em [Londres](#), Migrantino acabara de se mudar para uma [nova](#) casa, ou melhor para sua terceira nova casa. Mais tarde acabaria por tirar o adjetivo &ldquo;nova&rdquo;, pois se tornaria uma redund&acirc;ncia. Como mudar se tornaria uma rotina, logo, toda casa seria &ldquo;nova&rdquo;. Uma das caracter&iacute;sticas dos imigrantes em Londres, pelo menos os brasileiros, eram mudan&ccedil;as frequentes de resid&ecirc;ncia e emprego. Ele lembra uma certa noite, quando estava em seu quarto dormindo. Era mais ou menos 3 horas da madrugada, quando repentinamente algu&eacute;m abre a porta de seu quarto e entra. Ainda no escuro, pois a luz estava queimada, ele ouve uma voz masculina j&aacute; perto dele: &ldquo;uffa!! meu bem, at&eacute; que enfim chegamos!!&rdquo;. Assustado, Migrantino d&aacute; um grito no escuro: &ldquo;tem gente!&rdquo;. O casal surpreso, responde: &ldquo;desculpe, acho que entramos no quarto errado&rdquo;. Ainda bem que ele acordou, caso contr&acirc;rio, n&atilde;o era bom nem imaginar o que poderia ter acontecido. Mas o que mais lhe intrigou foi o fato de algu&eacute;m se mudar &agrave;s 3 horas da madrugada. (s&ocirc; em&nbsp;Londres mesmo!!). Ningu&eacute;m sabia como explicar este h&aacute;bito. Mas na verdade, era melhor se acostumar do que tentar achar respostas, e ele, particularmente j&aacute; tinha perguntas demais em sua cabe&ccedil;a. Esta sua nova resid&ecirc;ncia era relativamente longe do centro da cidade. Localizada na zona quatro, o que era inconceb&iacute;vel a qualquer brasileiro, j&aacute; que a grande maioria deles tinha deixado o pa&iacute;s para &ldquo;fazer dinheiro&rdquo;, como costumavam dizer (apesar de&nbsp; n&atilde;o terem a m&iacute;nima id&eacute;ia do que fazer dele depois). Morar o mais perto poss&iacute;vel do trabalho, que se localizava quase sempre na regi&atilde;o central, era de extrema import&acirc;ncia. A maratona n&atilde;o era muito f&aacute;cil, afinal de contas, tinha de percorrer 16 esta&ccedil;&otilde;es de metr&ocirc;, sendo quatro underground (subterr&acirc;nea) e 12 overground (superficial), e mais um &ocirc;nibus at&eacute; conseguir chegar perto de sua casa. Caminhando mais uns dez minutos, se o tempo estivesse bom, ele finalmente chegaria ao seu destino. Cumprida a miss&atilde;o, poderia relaxar um pouco, desde que n&ao pensasse que teria de repetir tudo no dia seguinte, ou seja, dal&iacute;a poucas horas. Um dos argumentos que &agrave;s vezes ouvia sempre&nbsp;para encoraj&acute;lo que n&atilde;o era t&atilde;o ruim assim morar longe,&nbsp; pois poderia aproveitar a viagem para ler livros, ou fazer alguma atividade durante o trajeto. Mas ele particularmente n&atilde;o tinha d&uacute;vidas disso e ia at&eacute; mais al&eacute;m. Poderia n&atilde;o s&ocirc;l&ecirc;-los, como tamb&eacute;m escreve-los; fazer cursos, ou quem sabe, uma faculdade por correspond&ecirc;ncia, ou at&eacute; mesmo, uma&nbsp; descoberta revolucion&acute;ria que pudesse mudar o futuro da humanidade. Provar a teoria da relatividade de Einstein. Afinal de contas tempo para isso n&atilde;o lhe ia faltar. Como se tratava de um casal de antigos amigos que conhecera em sua primeira estadia na capital inglesa, optou por um ambiente mais tranquilo, onde, se conseguisse chegar, teria um clima mais familiar. Era um casal alegre, ambos na faixa dos 30 anos e sem filhos, tinham apenas um gato como animal de estima&ccedil;&atilde;o. Vez por outra reclamavam do paradeiro da casa. Precisavam de mais a&ccedil;&atilde;o. Algo que pudesse animar, agitar aquele ambiente. Suas vidas estavam assustadoramente muito tranquilas. Como Migrantino aprendera a observar o comportamento das pessoas, pensava com seus bot&otilde;es: &ldquo;Estranho, uma das raz&otilde;es de todas as mudan&ccedil;as era justamente o barulho, festas, agita&ccedil;&otilde;es que faziam com que trocassem de casa, e aquele casal reclamava por estar tudo tranquilo&rdquo;. N&atilde;o queria nem cogitar sobre isso que j&aacute; lhe dava arrepios, mas ser&acute; que chegaria a esta conclus&atilde;o tamb&eacute;m? Sentiria saudades das mor&aciacute;rias anteriores? Eles queriam algo que trouxesse mais movimento aquela casa, quem sabe at&eacute; problemas, no fundo ele sabia que o ser humano &nbsp;n&atilde;o conseguia viver sem problemas. E se depedensse daquele gato, as coisas n&atilde;o iam mudar, pois quase n&atilde;o se notava sua presen&ccedil;a na casa, a n&ao ser para comer e beber, e de vez em quando lhe passar alguns sustos pela madrugada. Parecia mais um fantasma. N&atilde;o demorou muito a decidirem a adquirir um problema, ou melhor, um cachorro. Depois de muito ponderar (dez minutos), resolveram que teriam um, a quest&atilde;o agora era saber a ra&ccedil;a. Como n&atilde;o tinham experi&ecirc;ncia com esta esp&eacute;cime, recorreram ent&atilde;o&nbsp;a internet. Passadas horas procurando, ela teve uma id&eacute;ia: j&aacute; sei, bradou, como n&atilde;o tinha pensado nisso antes? N&ao lembra? Daquele filme?. (quando se relacionava cachorro com filme, sempre lhe vinha &agrave; mem&ocirc;ria o filme &ldquo;Beethoven&rdquo;, apesar que no fundo, como ele era de outra gera&ccedil;&atilde;o, pensou logo no &ldquo;Rim tim tim&rdquo;). Conclus&atilde;o: seria um S&atilde;o Bernardo sem sombra de d&uacute;vidas. N&atilde;o havia visto nenhum no Brasil, s&ocirc; os conhecia pela televis&atilde;o. Geralmente com skiadores nos gelados alpes sui&ccedil;os que eram bem grandes, e portavam aqueles barris de uisque pendurados&nbsp;em seus&nbsp;pesco&ccedil;os e sabia que na fase adulta alguns chegavam a pesar mais de 90 kilos. Achava aquela escolha um pouca exagerada para quem ia ter sua primeira experi&ecirc;ncia com caninos. N&atilde;o poderiam imaginar como era ao vivo. Na Inglaterra quase ningu&eacute;m tem c&atilde;es desta ra&ccedil;a!, argumentava ela, mas Migrantino, enquanto ela ainda falava, pensava sem se manifestar, &ldquo;Se na Inglaterra quase n&ao se v&ecirc; S&atilde;o Bernards, alguma raz&atilde;o deve existir&rdquo;. Como um bom mineiro, evitava dar opini&otilde;es, principalmente em situa&ccedil;&otilde;es delicadas como aquela. N&atilde;o queria ser uma esp&eacute;cime de c&uacute;mplice, caso surgisse algum arrependimento ou poss&iacute;veis transtornos. Mas no fundo ele achava estranho a id&eacute;ia. Se ningu&eacute;m tem um cachorro deste na Inglaterra, deve haver algum inconveniente, ou ela teria descoberto a causa da frieza e infelicidade dos brit&acirc;nicos: &ldquo;n&ao tinham um S&atilde;o Bernardo em suas casas&rdquo;&not; mas, &eacute; claro, preferia ficar com a primeira op&ccedil;&atilde;o.&nbsp;Estavam num continente com uma civiliza&ccedil;&atilde;o que vem de desenvolvendo h&aacute; milhares de anos, deveriam saber muito bem, por experi&ecirc;ncia pr&ocirc;pria, que n&atilde;o deveriam ter S&atilde;o Bernards em casas com espa&ccedil;os reduzidos como em Londres. E ele j&aacute; havia notado em suas andan&ccedil;as que os ingleses levavam cachorros a s&eacute;rio, com status de cidad&atilde;o. Portanto sem ter uma no&ccedil;&atilde;o exata do que estavam fazendo, adentravam em um terreno delicado, apesar de ser um costume muito comum no Brasil. Para começar a se adaptar a nova fase que viria, assitiram

algumas vezes o filme "Beethoven" para se familiarizarem mais com seu futuro cachorro e tirar algumas dúvidas que tinham. Ficaram fascinados e certos de que poderiam ter feito melhor escolha. Se esquecendo que se tratava simplesmente de um filme. Não demorou muito tempo e foram buscar o filhote num canil no sul da Inglaterra. Como ainda tinha pouco mais de dois meses de vida, parecia feito de pelúcia, mas seu tamanho e forma davam pequenos indícios de sua futura estatura. Eles no entanto, ignorando seu crescimento, estavam eufóricos com o novo membro da família. Não entendiam como teriam sobrevivido sem um cachorro daquele. Mas Migrantino, querendo ser pessimista soltava suas opiniões silenciosas: "O problema é que ele vai crescer" e como! Com dois meses estava com algumas centenas de grama, segundo o veterinário, em um ano e pouco estaria com quase 90 kilos, teria o peso de um ser humano relativamente obeso. Portanto ele não ia crescer, como já estava crescendo. O processo estava em andamento. Se eles quisessem curtir sua fase de crescimento teriam de ficar literalmente ao lado dele, não vendo, mas assistindo seu crescimento. Não teriam tempo a perder, era visível a olho nu. Parecia que a cada dia ganhava um kilo. O gato come e para a perder espaço. Tony, como era seu nome, já transitava pela casa marcando território, deixando nenhuma dúvida de quem era o novo dono da casa, inclusive nos domínios do gato. Usando sua portinha para entrar e sair quando quisesse, e sempre beliscando suas comidas, porque gostava de comidas de gatos, mas para dar provas de seu poder. Como crescia a cada minuto, era óbvio que as vezes ficava emperrado na pequena porta destinada anteriormente ao acesso do gato. Apesar de oferecer nenhuma ameaça fatal para o bichano, pois Bernardos e cães agressivos, mas o pantera como era chamado o gato, sabia muito bem das rivalidades entre as espécies e queria se arriscar. Talvez nem tanto por causa de alguma possível agressão, mas pra evitar suas lambidas, que com certeza ele trocaria por uma bela mordida, desde que fosse bem sucedida. Sempre quando era pego numa emboscada ficava horas se secando de suas lambidas. Ao passar alguns meses, Tony não poderia mais ficar em casa, por motivos óbvios. Como já estava acostumado a transitar e dormir dentro de casa, era normal e esperada sua resistência em ir para o quintal. Era o ponto inicial dos problemas que viriam. Seria necessário uma casinha, se e que aquele seria o termo adequado. Não demorou muito e Migrantino foi designado para montar a tal casinha pra cachorros, que seria comprada numa loja virtual. Chegada a casinha, logo seu trabalho de montagem. Em sua experiência com montagens, sabia muito bem que poderia cair na tentação de ler o manual, pois se o fizesse, jamais conseguiria montar. Preferindo usar sua intuição para fazer o serviço. Era impossível imaginar uma casinha e ir separando as peças. Apesar destas se parecerem nem um pouco que pertenciam a mesma. Como estava desempregado, passava muito tempo com Tony e as vezes ficava olhando-o, admirando como poderia ser tão grande e pesado. Uma vez lhe deu uma pisada. A marca da sua pata ficou em seu pé algum tempo, poderia relembrar a dor que sentira. Tivera a sensação de ter sido pisado por um bezerro, e com o frio a dor era multiplicada por mil, e o pior é que não pôde fazer nada, pois a dona estava bem próxima. Começou a compará-lo com os cachorros brasileiros. Como era diferente daqueles que havia tido ou conhecido no Brasil. Alguma coisa falava dentro dele: "É um cachorro de primeiro mundo". Quando chegara em Londres, trouxera consigo um complexo de inferioridade, por vir de um país considerado de terceiro mundo e ainda com o agravante de estar ilegal. Considerava todas as pessoas "legais", superiores a ele, principalmente se fossem inglesas. O medo de ser apanhado, frequentemente lhe rondava a mente. Enquanto refletia, o cachorro não se intimidava e retribuía o olhar, com os olhos fixos nos dele. Pensamentos vinham-lhe a mente: "Estranho, este cachorro tem uma expressão quase humana", era tão notório, que tinha a impressão que ele lia seus pensamentos ou que queria dizer-lhe alguma coisa. E pela sua seriedade não era nada banal. Nenhuma fofoca, era algo sério. Talvez um grande segredo. Bom, ele preferia parar de pensar nisso e não olhar muito pro cachorro, e principalmente não subestimá-lo. Afinal de contas ele não era qualquer cachorro. Tinha até um passaporte inglês. E se ele resolvesse mesmo falar, logicamente seria em sua língua mãe. Poderia até questionar sua legalidade no país, o que o deixaria mais desconcertado e complexado ainda. Depois de montar, desmontar, colocar peças invertidas e tirá-las novamente, finalmente ele desistiu das marteladas sob o olhar de Tony. Achava estranho, pois o cachorro olhava pra ele e depois pra casinha e novamente pra ele. Como estava quase chegando a conclusão que aquele animal pensava, estaria provavelmente se perguntando: "Para quem será esta casinha?". Pra falar a verdade ele não estaria de todo errado, dado que a casinha era praticamente do tamanho dele, apesar de ser o tamanho maior que existia na loja e no mundo. Com muito esforço, arrastou-a pra um canto do quintal um pouco afastado da casa, onde achou um lugar mais adequado. Bom pensava, "fiz minha obrigação". A casinha está montada. Não sou eu quem vai dar a notícia pra ele, e arriscou olhar para Tony, querendo de certa maneira sua opinião. Ele continuava imóvel sentado no mesmo lugar dentro de casa. Será com a cabeça pra fora da porta, pois achava um absurdo ir ao quintal, só fazendo quando de extrema necessidade. Arriscou chamar sua nova casa pra ver sua reação, o que ele atendeu, mas o fez mais por educação do que interesse, afinal de contas era um cachorro inglês. Resolveu deixá-lo a sós com sua nova residência, talvez ele estaria um pouco tímido ainda, e foi até o banheiro lavar as mãos e dar um tempo pra ver a reação de Tony. Ao voltar, só assistiu as últimas mordidas dadas na suas partes de madeira, que mais pareciam feitas de isopor, que ele já tinha quebrado com suas patas. A única peça que conseguiu resgatar intacta, foi a cortina de plástico que serviria para a porta de entrada, conseguindo puxá-la de sua boca. Com isto ele deixou bem claro que não era cachorro de "casinhas". Depois de muitas tentativas sem sucesso em

convec&ecirc;-lo que n&atilde;o poderia dividir o mesmo espa&ccedil;o que os moradores da casa, resolveram for&ccedil;&acirc;-lo a ficar de fora. Esperando que com o tempo ele se acostumassem, como acontecia sempre com os cachorros brasileiros. Mas ele n&atilde;o era brasileiro e isto descobririam mais tarde, iria fazer uma enorme diferen&ccedil;a. Ficava latindo e dando patatas no vidro da porta, querendo de toda maneira entrar para dentro da casa, e eles resistindo as suas investidas, fingindo n&atilde;o notarem seus ap&ecirc;los. Mas ele n&atilde;o se conformava que teria de ficar no quintal. Parecia que conhecia seus direitos. Nao demorou muito, e numa manh&atilde;, quando estavam reunidos tomando o caf&eacute;, a campanha toca, e o marido vai atender a porta. N&atilde;o deixou de ficar surpr&ecirc;so com a visita inesperada e muito rara. Pois se tratava do vizinho do lado, que eles mal conheciam e muito menos se falavam, no m&acirc;ximo uns cumprimentos formais quando se viam, discre&ccedil;&atilde;o era uma das principais caracter&iacute;sticas dos ingleses. detestam esc&acirc;ndalos de qualquer esp&eacute;cie. Para se ter uma vaga id&eacute;ia, por exemplo: se estiverem sentados no metr&ocirc; e por acaso entrar um elefante e sentasse ao seus lados, no m&acirc;ximo eles virariam a cabe&ccedil;a discretamente para dar uma olhadinha. Provavelmente voltariam a cabe&ccedil;a e&nbsp;continuariam a lerem seus jornais e&nbsp;se comportariam&nbsp;como se tudo estivesse normal. Poderiam no m&acirc;ximo chegarem a conclus&atilde;o: &ldquo;interessante, tem um elefante sentado ao meu lado&rdquo;. Este vizinho era tipicamente destes, e n&atilde;o faria muito sentido aquela visita. N&atilde;o fosse &eacute; claro, que se tratasse do cachorro. Assunto que ele logo evidenciou. Estava preocupado com o tony. O marido curioso, lhe indagou qual seria o motivo de sua preocupa&ccedil;&atilde;o e ele logo declarou: &ldquo;seu cachorro esta latindo&rdquo;. Ao ouvirem esta afirmativa aparentemente &ocirc;bv&iacute;, ficaram todos ao redor dele sem saber o que responderem. Apenas olhando um para o outro, confusos. Nunca tinham ouvido esta advert&ecirc;ncia antes. Depois de trocarem olhares por um tempo, o marido arriscou a responder: &ldquo;mas cachorros costumam latir&rdquo;, &eacute; normal!, pelo menos achamos isso!, Migrantino, sempre sem se manifestar, pensa consigo: &ldquo;ele tem raz&atilde;o, se o cachorro estivesse cacarejando, relinchando, coachando, seria realmente estranho. Mas afinal de contas, ele estava latindo e era um cachorro, parecia perfeitamente normal! Mas o vizinho logo retrucou: &ldquo;est&atilde;o enganados&rdquo;, e com a experi&ecirc;ncia de quem ja tivera v&acirc;rios cachorros, disparou logo seu diagn&ocirc;stico: &ldquo;seu cahorro est&acirc; infeliz&rdquo;. Mal tinham assimilado a primeira afirma&ccedil;&atilde;o e logo veio esta como uma bomba: n&atilde;o sabiam mais como responder a esta &uacute;ltima. Era demais, &ldquo;cachorro infeliz&rdquo;, mas o que significava aquilo? Nem sabiam que cachorros tinham manifesta&ccedil;&otilde;es emocionais. Um sentimento de culpa e remorso come&ccedil;ava aos poucos a lhes rodear, foram tomando consci&ecirc;ncia de que cachorros naquele pa&iacute;s eram bem diferentes dos brasileiros. Talvez seria normal eles latirem no Brasil, mas na Inglaterra n&atilde;o. Caso contr&acirc;rio seria uma manifesta&ccedil;&atilde;o de infelicidade pelo que ouvira de seu experiente&nbsp;vizinho. Realmente Migrantino nunca ouvira latidos durante o tempo de sua estadia em Londres. Podia parecer estranho mas os cachorros ingleses realmente nao latiam. Quando o faziam era puramente por obrig&ccedil;&atilde;o. Para n&atilde;o&nbsp;se esquecerem de suas origens. Mas ele achava isso um exagero, afinal era do instinto canino o ato de latir, quase uma necessidade. Talvez eles nao estivessem sendo testado adequadamente. Realmente j&acirc; tivera presenciado v&acirc;rias cenas com cachorros sentados est&acirc;ticos nas cal&ccedil;adas. Esperando pacientemente seus donos fazerem suas compras, assistindo carros, motos e at&eacute; carteiros. Outros cachorros passando a um dedo deles,&nbsp;gatos desfilando e os encarando, e eles parad&otilde;es como est&acirc;tuas, sem esbo&ccedil;arem nenhum tipo de rea&ccedil;&atilde;o. Mas pensava: &ldquo;Com certeza eles n&atilde;o resistiriam a uma carro&ccedil;a&rdquo;. A vis&atilde;o de um homem de chap&eacute;u&nbsp;montado em uma esp&eacute;cie de caixa e dando chicotadas em um animal que corria logo a sua frente quebraria seus sil&ecirc;ncios at&eacute; ent&atilde;o preservados por v&acirc;rias gera&ccedil;&otilde;es, seria demais para eles. Sabia que os cachorros brasileiros quase enloqueciam diante de tal cena. Chegando a ficarem roucos de tanto latirem. (Mas o que &nbsp;at&eacute; hoje ele n&atilde;o conseguira descobrir, era se os cachorros latiam defendendo&nbsp;os cavalos ou incentivando os carroceiros). Mas como al&iacute; n&atilde;o tinha carro&ccedil;as, por sorte deles, restringiam suas latidas ao essencial. O marido, preocupado com o diagn&ocirc;stico que acabara de ouvir, levou o vizinho pra ver tony, e de certa maneira mostrar-lhe que aparentemente n&atilde;o havia nada de errado com ele, a n&atilde;o ser as latidas que dava em contesta&ccedil;&atilde;o a sua nova situa&ccedil;&atilde;o.&nbsp;Enquanto conversavam, tony os olhava, sentado entre os dois, olhando pra cima e &nbsp;girando sua cabeça ora pra um e ora pra outro,&nbsp;como se estivesse entendendo a conversa. Parecia esperar sua vez de se pronunciar, pois sabia que era a seu respeito. No fundo ele conhecia seus direitos e faria qualquer coisa pra faz&ecirc;-los valer. Naquela altura j&acirc; pecebera que ca&iacute;ra numa familia de inexperientes imigrantes e que o vizinho era seu contr&acirc;rio e defensor. Qualquer insatisfa&ccedil;&atilde;o era s&ocirc; dar duas ou tr&ecirc;s latidas por cima do muro e seu novo her&ocirc;ei estaria na porta pra defend&ecirc;-lo das garras de imigrantes inextruculosos. Sem sombras de d&uacute;vidas havia ganhado a peleja. Cachorros infelizes era considerado ofensa grave aos animais pela lei brit&acirc;nica, sujeita a perda do animal e ainda a uma pesada multa e em certos casos at&eacute; pris&atilde;o. A situa&ccedil;&atilde;o j&acirc; estava caminhando para o total descontrole. N&atilde;o&nbsp;havia escolha, n&atilde;o poderiam deix&acirc;-lo mais no quintal. Teriam de pensar numa saida,&nbsp;quem sabe&nbsp;&nbsp;at&eacute; ceder. Mas n&atilde;o sabiam exatamente o que fazer. Tony estava completamente fora de controle. N&atilde;o tivera nenhuma esp&eacute;cie de adestramento, portando n&atilde;o respeitava nada, nenhum comando, por mais b&acirc;sico que fosse. Os poucos comandos que ouvia eram dados em dois&nbsp;idiomas alternados, o que o deixara mais&nbsp;confuso ainda. Agora quem comandava era ele, e o pior, sabia disso. Haviam se transformado uma esp&eacute;cie de ref&eacute;n do cachorro. N&atilde;o adiantaria pensar naquela hora, resolveram deix&acirc;-lo na cozinha naquela noite at&eacute; decidirem o que fariam. Como em quase todas as noites, pensamentos passavam pela sua mente de Migrantino, e o ocorrido naquele dia,&nbsp;lhe marcara profundamente. Nunca tivera ainda presenciado uma cena t&atilde;o inusitada quanto aquela e nem imaginava que cachorros pudessem ser infelizes. Ser&acirc; que os ingleses estariam certos? Latir seria um sinal de

infelicidade? Se isso fosse verdade, como eram infelizes os cachorros brasileiros. Pensava em todos os cachorros de sua vizinhança quando ainda morava no Brasil. Especialmente aquele de seu vizinho da direita. Coitado!!, latia por horas a fio, durante toda a madrugada, talvez lhe tivesse comunicado sua infelicidade, e ele como seu vizinho mais próximo, tinha a obrigação de fazer alguma coisa, como sofria. E ele simplesmente o ouvia e se virava pro lado e continuava a dormir, certo de que se tratava apenas de um cachorro latindo, ignorando a dor emocional do pobre animal. Mas ele não queria ter nenhum sentimento de culpa. Afinal não podia fazer nada, imagina, se sensibilizado com a situação do cachorro, levantasse aquela hora da madrugada e fosse até seu vizinho, que tinha um apelido nada sugestivo. Na rua lhe referiam como "João ignorante". Era um homem bem rude e muito bruto, que tinha matado a própria mulher e suas facadas. Ele estava em liberdade condicional depois de ter cumprido vinte anos da pena, já imaginou? se ele, sensibilizado com a situação do animal, batesse em sua porta às três e meia da madrugada e simplesmente lhe fizesse esta afirmação: "seu cachorro está latindo, e por sinal ele deve estar muito infeliz!". Não poderia nem imaginar a reação daquele togolodita. Seria uma tragédia sem precedentes. Com certeza ele voltaria com gosto pra prisão. Não só; ele resolveria o problema do cachorro, como também, caso sobrevivesse, provavelmente seria mais um infeliz. Bom, melhor eu tentar esquecer isso, afinal de contas o cachorro não me pertence e eu já tenho problemas demais, e este não é meu, tentando se esquivar. Mas uma sugestão, ou um pensamento, ou uma voz, apesar de inaudível, lhe vinha à mente (ele daria tudo pra descobrir de onde vinha esta sugestão que quase sempre o amedrontava): "Este problema de certa maneira tem a ver com você também. Pense bem: "você é ilegal". Ele querendo se defender, argumentava: o que tem uma situação a ver com outra? "Pense direitinho", continuava a voz: "Você é ilegal e o cachorro está infeliz. Imagine se eles perdem o controle da situação, culminando numa denúncia por parte do vizinho! Fatalmente viria a sociedade de defesa dos animais averiguar o caso. Pediria nome e documentação de todos os moradores da casa, consequentemente iriam descobrir sua verdadeira situação. De repente, ele abre os olhos. Uma sensação estranha começa a lhe tomar conta, o coração batia mais rápido e suores vinham-lhe ao rosto. Os pensamentos passando em sua mente como num filme. Já imaginava aquelas viaturas inglesas com homens uniformizados munidos de pranchetas e canetas na porta da casa. Vizinhos olhando e cochichando, fazendo conjecturas a respeito do ocorrido. Ele sendo levado pela imigração para ser deportado e o cachorro sendo conduzido para uma espécie de clínica de recuperação para cachorros traumatizados. Ao pegar o metrô, sempre via nos jornais sensacionalistas sobre escândalos (ele pensava que este tipo de jornal era coisa de brasileiros), e imaginava uma manchete estampada com letras garrafais: "ATRAVÉS DE DENÚNCIA, POLÍCIA CHAMADA EM UMA CASA NO SUL DE LONDRES E ENCONTRA UM CACHORRO INFELIZ E UM IMIGRANTE ILEGAL". Podia até ver a cara das pessoas balançando suas cabeças em um gesto de desaprovação e indignação. (como se não tivessem feito nada de errado ao longo de suas vidas). Mas para seu alívio no dia seguinte, tomaram uma decisão, já não tinham a menor dúvida, o tony ficaria com a sala; pra ele, afinal de contas ele merecia ser feliz. Migrante enfim podia respirar mais aliviado. Olhando tony conclui: melhor eu me dedicar ao máximo para que este cachorro seja feliz, pelo menos enquanto eu estiver aqui.

## Sobre o Autor

Sergio Martins

Source: <http://www.artigopt.com>